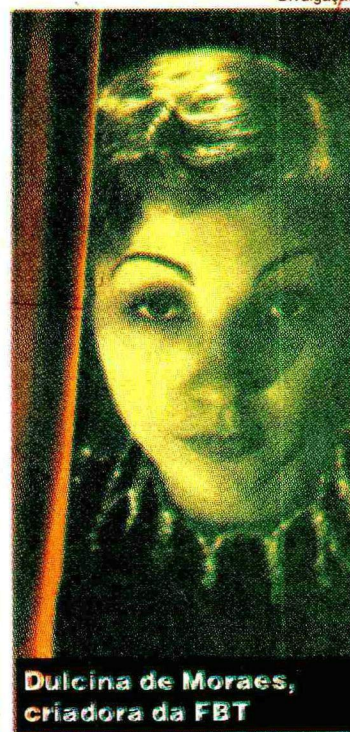




Dulcina de Moraes, criadora da FBT

2 JUN 2002
BOA**NOTÍCIA****Reformas estão em andamento**

Os planos para resolver os problemas que enfrentam são muitos. Com algum dinheiro conseguido junto ao Ministério da Cultura e amigos da FBT, várias reformas já vêm sendo feitas, inclusive a que transferiu a entrada do Teatro Dulcina para o lado da entrada da Faculdade, que fica na parte frontal do Conic. Será criada em definitivo uma galeria de arte e já está funcionando um elevador para deficientes. Estão previstas para o final do ano reformas no teatro.

"Pretendemos diminuir um pouco o proscênio para criar as cadeiras para obesos e a área para os deficientes. Com a reforma que pleiteamos fazer, devemos chegar a 550, 570 lugares", conta Guilherme Cabral.

Mas o que mais tem dado dor de cabeça aos diretores da FBT é o Teatro Conchita de Moraes. A instituição está sendo acusada pela prefeitura do Conic de ter invadido área pública com a construção do auditório. A FBT nega que seja invasão. Muitos artistas da cidade se mobilizaram para impedir a demolição do teatro, mas foi só com uma liminar da justiça que a Fundação passou a ter um pouco de segurança em manter seu espaço, bastante usado por alunos.

Outro problema enfrentado pela Fundação Brasileira de Teatro parece ser um fantasma dos velhos tempos. Assim como o Teatro Dulcina do Rio de Janeiro era instalado em uma área marginalizada pela sociedade, a Cinelândia, o daqui também se viu neste problema. Parte considerável de frequentadores dos teatros em potencial temem o lugar onde eles estão, principalmente à noite. Vêm-se falando em projetos de revitalização do Conic e obras já estão sendo feitas, mas nada pode garantir que a fama do lugar possa ser melhorada.

Ainda assim, o espaço é um dos preferidos por artistas locais, e sempre há peças de brasilienses em cartaz no Teatro Dulcina.

Informações e pedidos de pauta podem ser solicitados pelo telefone 321.1341, ramal 7.

DOIS PALCOS

DF- CULTURA

uma faculdade e alguns problemas

A QUARTA REPORTAGEM DA SÉRIE SOBRE OS ESPAÇOS CULTURAIS FOCALIZA A FUNDAÇÃO BRASILEIRA DE TEATRO, QUE DESDE A INAUGURAÇÃO VEM ENFRENTANDO DIFICULDADES

Pollyana Rosa

"Creio na imortalidade do Teatro. Creio nisso como creio em muitas coisas mais. Aliás, eu creio. Esta é a minha atitude espiritual permanente."

Estas foram algumas das palavras proferidas pela atriz, diretora e professora Dulcina de Moraes no lançamento, em junho de 1967, da pedra fundamental do teatro que receberia seu nome. Dificuldades financeiras impediram que o sonho se realizasse na data prevista, 1974. O teatro só foi inaugurado em 1980, a primeira faculdade de artes do Brasil no ano seguinte. Mas estes problemas acompanharam Dulcina até seus últimos dias, e sua Fundação Brasileira de Teatro até hoje.

A FBT conta com duas salas de espetáculos: o Tea-

tro Dulcina, com cerca de 450 lugares e o Teatro Conchita de Moraes, com 99. O Dulcina é considerado um dos melhores teatros da cidade em termos de estrutura e acústica e um dos únicos da cidade que têm proscênio, aquela área em meia-lua que fica à frente da cortina. Mas ele não anda é bem conservado, com cadeiras faltando e carpetes soltos, entre outros pequenos problemas. O motivo disso não é descaso da Fundação, mas falta de dinheiro, o que se pretende resolver em breve.

Dulcina de Moraes foi uma batalhadora a vida inteira, os últimos anos, até 1996, passados em Brasília. Grande dama do Teatro brasileiro, sinônimo de sucesso por muitos anos desde que estreou, aos 17, ela ainda hoje é referência de luta e sonhos considerados impossíveis. Um deles foi exatamente a transferência da sua

Fundação Brasileira de Teatro, instituição sem fins lucrativos, para Brasília.

Ela já havia dito que sua relação com a nova capital foi amor à primeira vista. Quando pela primeira vez pisou por aqui, a convite de JK, decidiu que sua vida estaria ligada a Brasília. "Ela ficou muito entusiasmada com os projetos. Ela, que tinha uma escola no Rio de Janeiro, queria ir mais longe: criar a primeira faculdade de artes do Brasil. Ela conseguiu e criou cinco cursos", lembra Guilherme Cabral, vice-presidente da FBT.

Mudou-se para cá em 1972, com muitos sonhos na bagagem e pouco dinheiro para concretizá-los. O terreno no Setor de Diversões Sul,



onde se ergueria o prédio da FBT que incluiria um teatro e a Faculdade de Artes fora comprado alguns anos antes. Mas a inauguração do prédio foi marcada inúmeras vezes, tendo sido feita apenas em 21 de abril de 1980.

No ano seguinte começou a funcionar a Faculdade de Artes, onde Dulcina fazia questão de dar aulas. Mas problemas financeiros continuaram a perturbar, e o fazem ainda. A faculdade tem agora cerca de 550 alunos, mas já chegou ao número de 900. Na maior das crises, a Faculdade de Artes chegou a ter apenas 250 alunos, em 89. Foi com a ajuda da Fundação Banco do Brasil, em 92, que a FBT pôde respirar um pouco.

"A Fundação Banco do Brasil trazia as peças mais bem sucedidas no Brasil para o nosso teatro. Das cinco ou seis apresentações, a primeira era só para convidados, mas para as outras eles pegavam alguns convites e o dinheiro da bilheteria era nosso", conta Guilherme Cabral.

Com o dinheiro extra que entrou, algumas melhorias no Teatro Dulcina foram feitas, especialmente a troca de toda a rede elétrica e do ar-condicionado. Também foi criado o Teatro Conchita, batizado com o nome da mãe de Dulcina. A parceria com a Fundação Banco do Brasil se encerrou em 1994, o que deixou a FBT mais uma vez em problemas.

Com um projeto pela Lei de Incentivo à Cultura e renegociações de dívidas, a direção da Fundação Brasileira de Teatro pretendem dar seguimento à obra de Dulcina de Moraes.